REPRESENTAÇÃO DA GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA E SUA INFLUÊNCIA NA INDIVIDUAÇÃO

Suelane Cristina Teodozio dos Anjos[1]

RESUMO: A adolescência é definida com uma fase que faz a transição do ser criança para a vida adulta. Compreende ser um período de mudanças biológicas, psicológicas e sociais, no qual um dos principais conflitos presente nessa fase está relacionado à vivência da sexualidade. A gravidez nessa fase tem representações múltiplas, sofrendo influência pelo contexto social a qual esses adolescentes estão inseridos, além da questão de gênero presente e as experiências individuais. O processo de individuação ocorre pela identificação do adolescente em relação às representações sociais, além de possibilitar o processo de introversão na maturidade. A técnica metodológica para essa pesquisa é a bibliográfica com a leitura exploratória, permitindo assim realizar críticas e comentários acerca do tema.

Palavras-chave: Adolescência. Gravidez na adolescência. Representação. Individuação.

INTRODUÇÃO

A adolescência é caracterizada por um período de bastante turbulência, seja pelas mudanças corporais e hormonais que se apresentam, seja pelo impasse pertinente a essa fase, no qual o adolescente não é mais considerado como criança, mas também não tem a maturidade necessária para ser adulto. Nesse sentido, muitas situações podem surgir durante essa etapa, dentre elas destacando-se a gravidez, sendo uma questão relevante ao tratarmos de sexualidade na adolescência.

Desta forma, o objetivo dessa pesquisa é compreender a representação da gravidez na adolescência e sua influência na individuação. Para isso, serão analisados os conflitos decorrentes da sexualidade na adolescência, trazendo discussão sobre a representação da gravidez na adolescência e como esta influencia na individuação em adolescentes grávidas.

O termo individuação surgiu com o médico e estudioso Carl Gustav Jung da Psicologia Analítica, abordagem que surgiu a partir da diferenciação dos conceitos Psicanalíticos de Freud para os de Jung. A estrutura da personalidade concebida por Jung compreende conceitos como *ego*, inconsciente individual e coletivo, complexos e arquétipos. Além desses conceitos, o processo de desenvolvimento da personalidade de Jung também traz

[1] Psicóloga recém-formada pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda (FACHO) – CRP 02-23085. E-mail de contato: anjossuelane@gmail.com.

um caráter peculiar, compreendendo essa construção com uma função progressista, isto é, que o homem está em constante progressão ou ao menos na tentativa de progredir (HALL; LINDZEY, 1973).

O interesse pela presente pesquisa se deu em virtude da observação do impacto da gravidez para adolescentes, pois cada adolescente tem uma reação bastante diferente após a gravidez e possivelmente as representações também sejam muito subjetivas. Observa-se que para algumas adolescentes essa fase possibilitou a entrada para a vida adulta, assumindo responsabilidades que anteriormente não existiam; porém para outras o fato de engravidar não proporcionou essa passagem, pois os pais ou cuidadores do adolescente assumiram a responsabilidade pela criança e essa adolescente mãe não conseguiu transitar e assumir um novo papel.

Nesse sentido, a presente pesquisa irá contribuir para a compreensão desse fenômeno que acomete um público considerado de adolescente e que possivelmente interfere na dinâmica do desenvolvimento nesta fase da vida. Além do mais, com a abordagem em destaque, fomentará a pesquisa de uma teoria fundamental para a psicologia, que é a analítica junguiana.

Portanto, no decorrer desse projeto de pesquisa qualitativa, será explorado um texto de caráter bibliográfico, apresentando o que a literatura e os diversos estudos atuais trazem a respeito da correlação entre a temática gravidez na adolescência e os pressupostos teóricos de Jung. Também procurará compreender as interferências geradas para que o adolescente consiga assumir seu papel na sociedade e, sobretudo, construir sua identidade em unidade e ao mesmo tempo em conexão com o social.

1. COMPREENDENDO A ADOLESCÊNCIA

1.1. Conceito de adolescência e sua diversidade

Para aprofundarmos sobre a adolescência, sua sexualidade e como ocorre a gravidez nessa fase, faz-se necessário compreender primeiramente sobre o que seria essa etapa do desenvolvimento e os conflitos existentes nesse período, visto que ocorrem algumas mudanças significativas. De acordo com Feldman, Papalia (2013) a adolescência é considerada uma construção social, que não existia em sociedades passadas. Na época das sociedades pré-industriais a criança era considerada um adulto quando passasse por alguns

acontecimentos, como por exemplo, o desenvolvimento físico e a aderência ao mundo do trabalho. As autoras apontam ainda que foi apenas no século XX que a adolescência passou a fazer parte das fases da vida, sendo atualmente considerada como um fenômeno global, mesmo com diferenciações culturais importantes.

Nesse sentido, Corso e Corso (2018) afirmam que a adolescência no ocidente se deu após a Segunda Guerra Mundial, tendo contornos cada vez mais diversificados e idealizados pelo contexto social. Essa fase se caracteriza por um extenso espaço de tempo, empenhado em fazer o distanciamento da infância e se preparar para a vida adulta.

Segundo Joffily (2010 *apud* OUTEIRAL, 1994) o termo adolescência significa processo/condição de crescer, aptidão para crescer, vindo do latim *ad* (a, para) e *aloecer* (crescer). Mas ainda, pela derivação da palavra *adolescere*, pode ter o significado de adoecer ou enfermar. Desta forma, a adolescência tem esse duelo entre estar apto para crescer, seja físico ou psicologicamente e gerar o sofrimento emocional oriundo das mudanças biológicas e mentais dessa fase (JOFFILY, 2010).

Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (2018) a adolescência compreende os indivíduos entre a faixa de 12 a 18 anos de idade, sendo em alguns casos excepcionais, previstos por lei, considerados até 21 anos de idade para aplicação desse estatuto, no qual gozam de todos os direitos próprios da pessoa humana que lhe permitam o seu desenvolvimento físico, mental, social, moral e espiritual, com condições de dignidade e liberdade. O Ministério da Saúde (2017) atribui essa faixa etária ao falar de um serviço de equidade de Saúde pelo SUS, elencando um tratamento especializado aos indivíduos entre 10 a 18 anos. E ainda, como destacado por Pires (2016) para o OMS (Organização Mundial da Saúde) a adolescência é compreendida entre 10 a 19 anos, caracterizando-se pelas transformações corporais, psicológicas e sociais, nas quais surgem alguns conflitos para o indivíduo e seu meio familiar.

No entanto, vimos que a adolescência é compreendida muito mais como uma operação psíquica que um período cronológico, mesmo que esse nos direcione no posicionamento desta fase. Essa operação psíquica é compreendida como uma travessia, uma passagem, num "sentido de uma operação adolescente, ou seja, aquela na qual enfaixamos as linhas de força que se mobilizam para terminar de crescer e, ao final, tornar-se adulto" (CORSO; CORSO, 2018, p. 13).

É pertinente destacar nesse momento, que para alguns adolescentes ainda existe algo

similar ao rito de passagem, no qual Corso e Corso (2018) nomeiam como “fatos de passagem”, isto é, acontecimentos na vida do adolescente que marcam essa sua entrada na vida adulta e por meio desses que eles se tornam adultos perante um grupo social. Nesse sentido, percebe-se que não se trata da concepção interna do adolescente em ser adulto, mas em como esse fato/atitude caracteriza o adolescente como adulto diante de um público específico; seria, portanto, uma forma de aceitação e comprovação ao grupo de sua capacidade em ser adulto. Nisso, Corso e Corso (2018, p. 250) apontam que “matar, roubar, consumir drogas e mesmo estuprar, ainda que possam ser atos bárbaros, têm a função de atestar a ‘maturidade’ do sujeito ante seu pequeno grupo”.

Temos também um fenômeno trazido por alguns autores em relação ao alongamento dessa fase, no qual Zagury (2003) traz alguns aspectos que contribuem para o esse prolongamento, apontando que o aumento no período de formação para ingressam no mercado de trabalho – decorrente da globalização e do aumento da taxa de desemprego – é um indicador importante ao considerarmos o prolongamento do jovem na casa dos pais. Interessante que se formos analisar as décadas passadas, veremos que

> “Ter um cantinho” o mais rápido possível foi o sonho da juventude das décadas de 60, 70 e talvez de parte dos anos 80. Mas, decerto, não é uma prioridade para os adolescentes da década de 90. Este fato está relacionado à maior liberdade que nossos filhos têm. Os pais de hoje são aqueles que lutaram por liberdade – política, social, sexual –, que participaram da revolução estudantil de 1968 ou que foram influenciados por ela. Ao educarem seus filhos, deram a eles a liberdade que não tiveram em suas casas, que era, aliás, um dos fatores determinantes para que desejassem tão ardentemente sair... (ZAGURY, 2003, p. 21-22).

É nesse sentido que há uma maior dependência financeira dos filhos para com os pais, no qual sem independência financeira é difícil de conceber a entrada para a vida adulta. Além do mais, quanto maior o nível econômico dessa família, menos obrigações são empenhadas pelos filhos, dificultando também o processo de amadurecimento e a saída desse conforto promovido pelos benefícios que esse contexto possui (ZAGURY, 2003).

Tendo concebido alguns conceitos trazidos sobre a Adolescência por autores de diferentes campos de atuação, é importante destacar qual o rastro da Psicologia Analítica Junguiana a respeito dessa fase do desenvolvimento. Ao descrever sobre as teorias da Personalidade, mais especificamente sobre a teoria analítica de Jung, Hall, Lindzey (1973) afirmam que para Jung não existe uma especificação dos estágios do desenvolvimento, assim como é para Freud, porém, destacam como se dá em algumas fases da vida e suas

características.

> Nos primeiros anos, a libido está investida em atividades necessárias à sobrevivência. Antes dos cinco anos, começam a aparecer os valores sexuais, que atingem o auge durante a adolescência. Na juventude e no início da idade adulta, os instintos da vida e o processo vital estão em ascendência. O jovem é enérgico, vigoroso, impulsivo e apaixonado, mas é, ainda, em grande parte, dependente dos outros. Esse é o período da vida em que o indivíduo descobre sua vocação, casa-se, cria os filhos e afirma-se na vida da comunidade (HALL; LINDZEY, 1973, p. 117).

No entanto, conforme afirma Hall, Nordby (2014), Jung considerou quatro estágios importantes da vida, sendo como fases que todo o ser humano passa e que em cada uma delas existem alguns aspectos característicos. Pensando na adolescência, essa fase é chamada de Juventude e início da maturidade, que se inicia a partir das alterações fisiológicas oriundas da puberdade. Nessa fase ocorre uma espécie de nascimento psíquico, sendo chamada de revolução psíquica, pois é um momento que os adolescentes se mostram com força e excitação.

Hall, Nordby (2014, p. 80) destacam que

> Nos anos da adolescência – qualificada muitas vezes de idade insuportável, e insuportável tanto para os pais quanto para os jovens – a psique fica sobrecarregada de problemas, de decisões e da necessidade de fazer muitos e variados tipos de adaptação à vida social. Muitos destes problemas têm origem no momento em que o indivíduo se defronta com as imposições da vida que abruptamente põem fim às fantasias infantis.

Com isso, percebe-se que muitos problemas vivenciados pelos adolescentes não são oriundos de situações externas, mas sim daquilo Hall, Nordby (2014) destacaram como apego ao estágio infantil. Deste modo, não estando preparados para fazer a transição das atividades da infância resistem a tomar consciência da realidade e, por consequência, deparam-se com vários problemas.

Desta forma, conforme citado por Fulgencio, Oliveira (2010 apud WINNICOTT, 2005) a única forma de se curar a adolescência é através da maturidade, juntamente com isso se encontra a passagem do tempo, no qual a partir daí surgi à pessoa adulta. Esse processo se constitui não de forma simples, mas de várias atitudes presentes na adolescência, como hostilidades, mentiras, confronto com as normas, arrogância e ironias, uma vez que essas ações o ajudarão a se sentir real. Esses aspectos são necessários e naturais para se alcançar a maturidade, no entanto, precisará de um ambiente que demonstre preocupação e ajuda, percebendo as necessidades do adolescente e a forma de melhor ampará-los.

1.2. Sexualidade na adolescência

Para decorrermos sobre a Sexualidade na adolescência, faz-se necessário trazer a distinção entre puberdade *versus* adolescência, porque ainda que uma esteja atrelada a outra, a puberdade tem caráter biológico, do desenvolvimento físico e hormonal do próprio corpo, ou seja, é inerente ao ser humano. E como vimos acima, a adolescência é uma construção social, no qual pode deixar até de existir em alguns contextos ou haver um prolongamento em outros. Sobre isso Levisky (1998, p. 23) afirma que "a puberdade, portanto, é um processo decorrente das transformações biológicas, enquanto a adolescência, é fundamentalmente psicossocial".

Durante o período da puberdade, os adolescentes estão ainda voltados para dentro, sentem-se seguros nessa proteção dos pais e apoiados em toda essa mudança corporal característica dessa fase. A instalação da adolescência se dá a partir dessa reversão do olhar para fora, de ter vínculos externos e ir construindo sua identidade pessoal, se diferenciando (CORSO; CORSO, M., 2018).

Pode-se introduzir a sexualidade na adolescência a partir da dimensão desse sujeito que se desenvolve fisicamente, que está conhecendo e sabendo como lidar com seu novo corpo e se relacionar com o ambiente externo. Para tanto, experimenta as semelhanças e distinções em suas vivências, com alguns padrões estabelecidos pelo contexto social, com exigências oriundas das demandas características do adulto.

Para definição da sexualidade, Feldman, Papalia (2013) afirmam que se caracteriza como a construção de uma identidade sexual, que compreende o reconhecimento da própria orientação sexual, a formação de laços afetivos ou sexuais e a percepção de ser um sujeito sexual. A consciência da sexualidade é apontada como fundamental para a formação da identidade, podendo influenciar nos relacionamentos interpessoais e na autoimagem desse adolescente.

Segundo o vocabulário Psicanalítico citado por Levisky (1998) a sexualidade consiste em atividades excitantes presentes desde a infância que desenvolvem o prazer imprescindível para satisfação de necessidades fisiológicas, assim como acontece com a necessidade de comer, respirar, excretar e amar. Compreende a necessidade de gerar prazer, mas também de procriar.

O Ministério da Saúde (2017, p. 7) enfatiza a fase da adolescência "pela busca de autonomia sobre as decisões, emoções e ações, pelo desenvolvimento de habilidades e a

vivência da sexualidade". Nesse sentido, é importante destacar que a Sexualidade é um dos principais fatores preocupantes da fase de adolescência e das mudanças orgânicas ocorridas pela puberdade, pois, mesmo não se tratando apenas da relação sexual e sendo um assunto de bastante ênfase nos meios de comunicação no geral, não se limita apenas a isso. Refere-se a um contexto de formação de identidade, pois engloba um desenvolvimento psicossexual dos adolescentes que, passando por essa fase, forma e consolida uma estrutura de personalidade, levando também em consideração as fases vividas anteriormente (JOFFILY, 2010).

2. GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

2.1. Contexto da gravidez na adolescência

Inicialmente é importante destacar sobre a gravidez na adolescência ser considerada como precoce e consequentemente como um problema, pois vale indagar que é precoce a partir de que referência, em qual idade? Visto que anteriormente foi colocado que a adolescência é uma construção social, em que mesmo havendo uma faixa etária trazida pelo ECA e a OMS, a fase da adolescência é muito particular, pois diz de um contexto social, um desenvolvimento físico, cognitivo e emocional individual.

Percebe-se que a gravidez na adolescência é um fenômeno bastante antigo, em que na época da Antiguidade entre 13 e 14 anos de idade da menina já eram firmados os contratos de casamento. Também no início desse século a gravidez precoce era um acontecimento comum ao nosso padrão cultural, tendo uma aceitação da gravidez por parte da sociedade, até pelo fato de incentivarem as mulheres a se casarem cedo e zelarem pelo cuidado da casa (PIRES, 2016 *apud* COATES, SANT'ANA, 2001).

Fazendo esse paralelo entre a gravidez em épocas passadas e no presente, Correia (2014) aponta que no passado a gravidez era esperada a partir do momento que a mulher se tornava fértil, sendo colocada a influência disso pela baixa expectativa de vida da época. No entanto, agora se percebe um pesar ao falar de gravidez nessa fase, pois há uma idealização de como se deve viver uma gravidez e na adolescência acaba sendo um risco.

Desta forma, ao abordarmos a temática da gravidez na adolescência atualmente, existem dados importantes a serem considerados, por vezes sendo colocados como um

problema de ordem pública, pois tem implicações no desenvolvimento psicossocial, físico e de sobrevivência tanto para a adolescente como para a criança recém-nascida.

De acordo com Pires (2016 apud GAMA, 2001) o fato de ser considerado um problema de ordem pública está relacionado ao aumento da probabilidade de uma condição de pobreza para as adolescentes e seus filhos, tendo em vista que, na maioria dos casos, as mulheres ficam sem o apoio de seus companheiros, necessitando da ajuda familiar e, muitas vezes, afetando o cuidado na gestação e após o nascimento do filho. Mas além desses aspectos, é pertinente destacar que é o retrato de um "problema social que acarreta abandono da escola, dificuldade de se conseguir emprego, entre outros", sendo um dos motivos pelo qual a gravidez atualmente recebe um sentido bastante pejorativo (PIRES, 2016, p. 34 apud MEDRADO; LYRA, 1999; CHODOROW, 1990).

Nesse momento, destaca-se um dado do IBGE no documento chamado de Síntese de Indicadores Sociais (2018), para relacionar à gravidez na adolescência com o abandono do ensino médio. No relatório é trazido que um percentual de 6,7% de jovens entre 18 a 29 anos que não concluíram o ensino médio por motivo de gravidez ou problema de saúde ou por ser uma pessoa com deficiência (física ou mental); no entanto, outra porcentagem pode ser considerada dentro do grupo de gravidez na adolescência, que seria 39,5% por ter que cuidar dos afazeres domésticos ou de criança, adolescente, idoso ou pessoa com deficiência. Este último percentual podendo ser em decorrência às consequências de uma gravidez precoce, que gera a responsabilidade de cuidar da criança e, consequentemente, interromper as atividades escolares.

A Síntese de Indicadores Sociais (SIS) de 2010 aponta um dado importante a ser considerado:

> Mulheres com mais instrução são mães mais tarde. Entre as mulheres com menos escolaridade (menos de sete anos de estudo), 20,3% das mães eram de adolescentes entre 15 a 19 anos. Entre as mulheres com oito ou mais tempo de estudo, o mesmo grupo (15 a 19 anos) representava somente 13,3% das mães (CORREIA, 2014, p. 29 apud IBGE, 2010).

Em 2018 a Organização Pan Americana de Saúde (OPAS), juntamente com a Organização Mundial de Saúde (OMS) publicaram um relatório no qual relatava o percentual de adolescentes grávidas no mundo, estando a América Latina e o Caribe com a maior taxa de gravidez nesse período, sendo estimadas 66,5% de nascimentos a cada 1.000 adolescentes entre 15 a 19 anos de idade. Segundo a diretora da OPAS, Carissa Etienne, a gravidez nesse

período pode ter consequências profundas na saúde dessas meninas, dificultando seu desenvolvimento psicossocial e até o risco de morte para as mesmas.

O relatório aponta ainda uma informação bastante alarmante, a saber:

> A mortalidade materna é uma das principais causas de óbito entre adolescentes e jovens com idade entre 15 a 24 anos na região das Américas. Em 2014, cerca de 1,9 mil adolescentes e jovens morreram em decorrência de complicações ocorridas durante a gravidez, parto e períodos pós-parto. Em nível global, o risco de morte materna é duplicado em mães com menos de 15 anos em países de baixa e média renda. As mortes perinatais são 50% maiores entre os bebês nascidos de mães menores de 20 anos quando comparados com os nascidos de mães de 20 a 29 anos, de acordo com o relatório (OPAS, 2018).

Acredita-se que por esses dados e considerando em especial o cenário brasileiro, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) incluiu em 2018 no capítulo sobre o Direito à Vida e à Saúde a Lei 13.798 vigorada em 03 de janeiro de 2019. Neste instituiu a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência, a ser realizada anualmente incluindo o dia 1° de Fevereiro, tendo como intuito propagar informações sobre medidas de prevenção e ações educativas para redução dos índices de gravidez na adolescência. O artigo 8° do ECA aponta ainda que as ações devem direcionadas com prioridade ao público adolescente, sendo de responsabilidade do poder público, juntamente com as organizações de sociedade civil – toda e qualquer organização que desempenha ações com finalidade pública.

Levando em consideração o período da adolescência na atualidade, em que se exige uma preparação intensa no que diz respeito aos estudos, à vida profissional e a maturidade, as consequências de uma gravidez é exatamente o rompimento do que se é esperado como normalidade. É por isso que os riscos são considerados para além das questões de saúde, mas também psicossocial, pois se é compreendido que ainda não há uma estrutura física, emocional e financeira para o cuidado de uma criança, comprometendo as condições de desenvolvimento do próprio adolescente (CORREIA, 2014).

No entanto, é um risco analisar apenas a gravidez como problema, como algo que foge do comportamento esperado para a fase da adolescência, pois é preciso considerar o simbólico e os significados que estão presente nas experiências desses jovens. É nessa proposta que seguiremos compreendendo e relatando alguns estudos sobre as representações da gravidez nessa fase da vida (CORREIA, 2014 apud ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004).

2.2. Representação da gravidez na adolescência

Mas então, o que representa essa gravidez para as adolescentes? Joffily (2010) destaca um importante levantamento feito pela coordenadora Abreu (2000) em uma escola de meninos e meninas de rua no Rio de Janeiro. Sua experiência constata que a gravidez nesse período do desenvolvimento significa para as meninas a liberdade e o reconhecimento na comunidade pela maior autonomia adquirida, isto é, a concepção das meninas em se tornarem Mulheres.

Percebe-se que temos um aspecto cultural bastante influenciador na representação dessa gravidez, porque ainda faz parte da nossa cultura associar à maternidade como possibilidade de socialização dessas adolescentes (JOFFILY, 2010 apud MELO, 2001; CAVASIN; ARRUDA, 1998). Ainda nesse aspecto, Pires (2016), com sua experiência como médica e terapeuta da família, afirma que a gravidez nessa fase demonstra ser algo desejado pela adolescente, como um propósito de vida para a mesma, isso pelo fato de assumirem um papel como mãe, assim como foram educadas.

Correia (2014 apud SCHWENGBER, 2009) cita uma pesquisa com adolescentes pobres, grávidas ou mães, no qual conclui que a função do corpo e da reprodução possui um importante recurso de inserção social, dando um lugar no mundo através do papel assumido de mulher-mãe. Desta forma, a autora pontua que a gravidez não seria um acidente nem algo precoce, mas uma possibilidade de garantia de reconhecimento, amparo e vinculação a partir dessa posição de mulher-mãe.

Sobre essa perspectiva de ser mulher-mãe, isto é, obter um *status* de adulto, Correia (2014 apud OLIVEIRA, 2008) aponta que isso está presente no processo de gravidez porque temos dificuldade de definir o que é ser adulto nos tempos atuais, assim como se torna complexo fazer a demarcação das fases, até pelo alongamento da adolescência que vimos anteriormente. Na contemporaneidade é difícil conceber as fases de forma linear, pois está caracterizada pelas experiências nos diversos aspectos da vida, sendo marcada pela diversidade de significados em ser adolescente e ser adulto.

Também é apresentada uma diferenciação de gênero a respeito dessa transição em ser adulto, pois para os meninos o trabalho demarca essa passagem, mas para as meninas à maternidade e a constituição de família ainda são influenciadores. No entanto, ao associarmos a gravidez como um ato de irresponsabilidade, como é concebido por alguns adultos,

acabamos por tardar o novo *status* para a adolescente e também para a própria família (CORREIA, 2014 apud OLIVEIRA, 2008).

Para Pires (2016) engravidar pode significar não dar mais satisfação quanto à sexualidade, já que é um tabu existente no social. Possibilita com isso a construção de uma nova identidade, inserindo-se de forma "forçada" para outra fase da vida, conquistando autonomia e liberdade para apaziguar os conflitos oriundos da adolescência.

Moreira (*et al*., 2008) afirma que a gravidez na adolescência não deve ser compreendida como algo isolado, mas com uma amplitude de variáveis, expressando-se tanto pela busca da identidade da menina, tendo uma atitude de rebeldia para com a família e o contexto social; como também uma maneira das meninas acreditarem que a gravidez é o desejo do namorado. Sobre isso também, observa-se:

> (...) que muitas adolescentes engravidavam porque desejavam, por alimentar o sonho de serem reconhecidas como mulheres, acreditavam que era o desejo do namorado, por desejarem ser vistas como adultas (JOFFILY, 2010, p. 42 apud MELO, 2001).

A gravidez da adolescência também é identificada como a possibilidade de formação de uma família diferente da sua de origem. Mesmo que exista uma ameaça da liberdade pessoal, passa a ter o compromisso com a casa e a privação do lazer (JOFFILY, 2010 apud MOREIRA et al., 1997).

Corso e Corso (2018) ao discutirem sobre gravidez na adolescência, afirmam que é complexo falarmos dos significados desse evento, pois se trata de duas subjetividades, de um encontro de duas partes, duas mentes e não apenas de uma carga genética. Por isto, há uma combinação de significados, levando em consideração o diálogo feito com o próprio corpo, que é o estranho nessa fase da vida. Eles apontam ainda quatro aspectos que podem indicar como a gravidez se constituiu para o adolescente, a saber: a materialização de um romance, um meio para firmar a identidade feminina, tornar visível a iniciação sexual e a necessidade de dar um bebê aos pais.

Na concepção da gravidez como forma de materializar o romance do casal adolescente, isto é provável pela fantasia de sair de casa para formar um lar melhor do que possuem ou quando nenhum projeto atual (escola, trabalho ou inserção na comunidade) não faz sentido para o adolescente e vêm à gravidez como a chance de preencher um vazio presente na vida. Como um meio de se constituir como mulher, é um ponto em comum entre os autores, sendo que Corso e Corso (2018, p. 114) afirmam: "a assunção da identidade de

gênero é uma das tarefas adolescentes, e não é das mais simples. Em certos casos, a jovem tenta, com um bebê, consolidar-se no universo feminino por meio da identidade de mãe". O terceiro aspecto é descrito como o desejo que os adolescentes possuem em dar visibilidade à iniciação sexual, sendo a gravidez um artifício bem propício para isso. Há nesse sentido uma vontade de mostrar para todos que alcançaram o *status* de adulto, que são sexualmente ativos e têm alguém que goste deles. O problema é que esse aparente atestado não garante o "ser adulto". E a última perspectiva, não citado anteriormente por outros autores, consiste no fato de dar um bebê aos pais desse adolescente. Essa espécie de duplicidade é compreendida como a possibilidade de deixar a criança no lugar do adolescente para que esse possa fazer a saída (crescer), sem deixar um espaço vazio (CORSO; CORSO, 2018).

Nesse sentido e corroborando com alguns conceitos citados por Corso e Corso (2018), Joffily (2010) aborda uma temática enfatizada por Pires (2002) a respeito do mito da Cinderela, no qual a gravidez significa a busca em construir uma família nuclear e eternizar um amor romântico, assim como acontece no sonho da Cinderela. A autora aponta que para as adolescentes:

> (...) seu sonho era de ser como Cinderela, onde ela se realizaria através de um príncipe provedor. Não é um sonho romântico só das adolescentes de nível socioeconômico baixo, este parece ser um mito decorrente de uma cultura historicamente patriarcal, assim, independente da condição social o sonho da Cinderela parece permear o pensamento mágico das adolescentes no geral (JOFFILY, 2010, p. 103 apud LORENÇO, 1998; ÁVILA, 1998; DESSER, 1993).

Bettelheim (2002), ao trazer a compreensão da Psicanálise em relação aos contos de fada, pontua que existem três categorias globalizantes que compõem o conto da Cinderela, também chamado em seu livro como o conto da Borralheira. A primeira categoria é a que se enquadra nessa análise, trazendo a Cinderela como uma heroína maltratada que tem seu reconhecimento a partir de seu sapatinho. Faz-nos lembrar da concepção da gravidez como esse reconhecimento de ocupar um papel na sociedade. Afinal, no conto descrito acima, a partir desse encontro com o príncipe, Cinderela se coloca em outro patamar de reconhecimento, diferente de como era tratada pela madrasta e suas filhas, sendo tão presente nas adolescentes essa construção de idealização do príncipe.

Desta forma, Joffily (2010) pontua que o significado da gravidez no sentido do sonho da Cinderela demonstra ser a busca pelo Amor, como ocorre nesse conto de fadas, no qual se encerra com a costumeira frase "e viveram felizes para sempre". No entanto, este final não conta o que acontece após o encontro romântico, que seria o ocorrido após a paixão,

resultando na maternidade/paternidade. A adolescente encontra o príncipe e em seguida surge o herdeiro, sendo considerado o ser especial. A autora ainda acrescenta que no momento de encantamento, as adolescentes não se dão conta que ao engravidarem podem vim a ser novamente a gata borralheira, maltratada e desprezada, numa condição de exclusão.

É interessante o relato de uma adolescente grávida no contexto de abrigamento trazido por Joffily (2010), que diz: "Eu pensava... eu pensava assim, que ia morar com o pai dele ainda, eu pensava que ia ficar numa casa com ele, eu, ele e o meu filho..." (p.102). A autora acrescenta afirmando que:

> Ao ser questionada sobre o que pensava que iria acontecer com a vida dela a partir da gravidez, expressa o desejo do sonho romântico da Cinderela que é salva pelo príncipe encantado, porém, o que ela encontrou foi um sapo e uma bruxa. Do sonho passou a viver um pesadelo (Joffily, 2010, p. 102).

Para tanto, é relevante conhecer as múltiplas experiências da gravidez na adolescência. Deve-se, assim, compreender que a adolescência tem suas nuances de acordo com dinâmica social de cada tempo e espaço, também a gravidez possui uma amplitude de representações de acordo com a classe social, a questão de gênero, a forma como as próprias adolescentes encaram esse momento e como esse momento é aceito por seus familiares.

3. INDIVIDUAÇÃO E ADOLESCENTES GRÁVIDAS

O conceito de individuação foi bastante relevante para os estudos de Carl Gustav Jung (1875-1961), na abordagem intitulada como Psicologia Analítica. Consiste num "processo que gera um *'individuum'* psicológico, ou seja, uma unidade indivisível, um todo" (JUNG, 2014, p. 274). Para Jung (2014) o processo de individuação ocorre pelo conflito de duas realidades, a consciente e a inconsciente, pois se compreende que apenas a consciência não corresponde à totalidade do indivíduo, no contrário, torna-se explícito que existe uma inclusão dos conteúdos do inconsciente.

A individuação pode ser traduzida como "tornar-se si-mesmo" ou "realizar-se do si-mesmo" (p.49), isto é, tornar-se um ser singular, de forma íntima, incomparável e última. No entanto, não se trata de individualidade, sem levar em conta as obrigações coletivas, mas sim a realização das qualidades coletivas do ser humano, sem perder de vista as características individuais (JUNG, 2006).

Hall, Lindzey (1973) ao descreverem sobre o processo de individuação para Jung, afirmam que todo indivíduo tem por objetivo final a realização da individualidade. Esta compreendida como uma unidade estável, na qual se desenvolve a partir do desdobramento da totalidade do homem, ou seja, caso haja alguma negligência em algum aspecto da personalidade, um sistema agirá sobre o outro como centros de resistência ou formas de expressões.

No prefácio do livro "O desenvolvimento da personalidade", Jung (2011) afirma que a totalidade do homem realizado na individuação é um ideal do adulto, representando um marco final do seu desenvolvimento. Porém, não se concebe o processo de individuação sem considerar as fases iniciais, pois o "eu" é fortalecido na infância e na adolescência. É nesse sentido que se pretende correlacionar o marco da gravidez na adolescência com o processo de individuação, tendo em vista que os processos inconscientes atrelados nessa fase poderão contribuir para a consciência de si mesmo numa fase posterior.

A princípio, a consciência aparece como premissa do ego infantil que emerge sobre o inconsciente, havendo um crescimento e desenvolvimento similar ao do corpo físico. Para tanto, há o crescimento do corpo e o amadurecimento cerebral, além das capacidades cognitivas se expandirem e o ego acompanhar também essa extensão. Nesse momento, as distinções entre o corpo individual e os objetos começam a acontecer, havendo uma concepção de um mundo mais real e concreto. Também é iniciada a atuação como indivíduos, com a habilidade de exercer o autodomínio, com controle do seu meio ambiente e de padrões sociais de comportamento. Há com isso o desenvolvimento da *persona*, que é o desempenho de papeis na sociedade, adotando atitudes coletivas convencionais (STEIN, 2000).

Nesse sentido, Moreira et al. (2008) afirma que a gravidez na adolescência é uma fase de transição no desenvolvimento. Para este autor, há uma necessidade de reestruturação em vários aspectos, dentre eles a mudança de papeis e de identidade, passando a mulher a ser vista de forma diferente, podendo haver complicações nessa fase.

> A gestação na adolescência é, de modo geral, enfrentada com dificuldade porque a gravidez nessas condições significa uma rápida passagem da situação de filha para mãe, do *querer colo para dar colo*. Nessa transição abrupta do seu papel de mulher, ainda em formação, para o de mulher-mãe, a adolescente vive uma situação conflituosa e, em muitos casos, penosa. A grande maioria é despreparada física, psicológica, social e economicamente para exercer o novo papel materno, o que compromete as condições para o assumir adequadamente e, associado à repressão familiar, contribui para que muitas fujam de casa e abandonem os estudos. Sem

> contar com as que são abandonadas pelo parceiro, muitas vezes também adolescente (MOREIRA et al., 2008, p. 315-316).

No entanto, Stein (2000) continua pontuando que estando saudável o ego da criança e da pessoa jovem, há uma tarefa de aprender a constituir seu próprio mundo, libertando-se da dependência familiar e com capacidade para reproduzir biologicamente seus filhos num ambiente de sua própria concepção. Desta forma, na primeira metade da vida, o projeto mais importante é o desenvolvimento desse ego e a constituição da persona, atingindo um crescimento individual, com adaptação cultural e responsabilidade pela criação dos filhos na vida adulta.

Outro fator relevante nessa dinâmica introduzida na primeira metade da vida é o fato de que essas características terão variações de acordo com o meio familiar, social, cultural e histórico no qual a pessoa nasceu. Por isto, é individualizada para os diversos tipos de sujeitos (homens, mulheres, pobres, ricos, sujeitos do oriente e do ocidente etc.). Esses fatores influenciam ainda no momento das escolhas, ao assumir-se determinados papeis e responsabilidades na sociedade (STEIN, 2000).

Nesse ponto é unânime o que os autores falam como uma das causas para a escolha dos adolescentes em engravidarem e assumirem esse papel como mães. Esta consiste em pertencerem a famílias cuja a mãe também assumiu uma vida sexual precoce e acabaram engravidando na adolescência (PANICALI, 2006 apud BARROSO; VIEIRA; BARELA, 2002).

Complementando sobre as fases da vida psíquica para Jung, na primeira metade da vida, se tem algo que é universal em todas as sociedades - a exigência do desenvolvimento e adaptação do ego, correspondendo à cultura que pertence o jovem. As imagens arquetípicas do herói e da heroína são trazidas pela cultura como formas ideais (STEIN, 2000).

> O herói é a imagem ideal de alguém que realiza o desenvolvimento do ego como se presume que os homens devem emular e admirar; a heroína é uma imagem que fornece esse modelo para mulheres. Em algumas sociedades, o desenvolvimento do ego e o desenvolvimento da persona estão concluídos, para todos os fins práticos, na época em que a adolescência atinge a plenitude, ao passo que em outras (como as sociedades modernas, com suas exigências educacionais aparentemente infindáveis) é possível que só venham a ser completadas quando a meia-idade se faz presente (STEIN, 2000, p. 156).

Nessa compreensão de heroína, de acordo com um padrão social a ser atendido, para as adolescentes grávidas pode ser um pesar, pois em muitos estudos a gravidez é descrita com um sentimento de culpa pelas adolescentes. A exemplo temos a análise de uma demonstração

de desenhos feitos por adolescentes grávidas, sendo estudantes do ensino fundamental e médio.

> A partir das produções gráficas, captamos o imaginário de que a gravidez precoce corresponderia a uma punição pela conduta "criminosa" de ter relações sexuais durante a adolescência, e que esse castigo seria vivido exclusivamente pela menina, que ou seria abandonada pelos pais, ou teria um viver sem realizações, enquanto o menino ficaria espertamente isento da situação (PONTES et al., 2010, p. 88).

Ao falar sobre o papel da maternidade no processo de individuação, Sarmento (2004 apud GALBACH, 1995) afirma o quanto que a maternidade traz modificações na vida da mulher, sobretudo na sua identidade, pois com o filho surge a mãe, passando por uma mudança de consciência de si mesma pelo fato de se tornar mãe. A autora continua pontuando que surge um conflito psíquico, pois há uma passagem de mulher-filha, que é conhecido anteriormente, para a mulher-mãe, fato desconhecido e que exige reconstruir sua identidade. No caso das adolescentes, ainda se torna complexo porque o papel de mulher-filha não era reconhecido anteriormente, sendo a gravidez colocada como reconhecimento da identidade de Mulher e também de Mãe.

Na maternidade a mulher é confrontada com o arquétipo materno, o que influencia num certo tipo de comportamento e percepção (SARMENTO, 2004). Nesse momento, é importante conceituar que para Jung (2014) o arquétipo é uma forma de representação a respeito de algo: o arquétipo materno é uma forma herdada de ser mãe, que pode ser numa compreensão pessoal ou oriunda da representação histórica do ser materno.

Tratando-se dos traços do arquétipo materno, Jung (2014, p. 88) afirma que:

> Seus atributos são o "maternal": simplesmente a mágica autoridade do feminino; a sabedoria e a elevação espiritual além da razão; o bondoso, o que cuida, o que sustenta, o que proporciona as condições de crescimento, fertilidade e alimento; o lugar de transformação mágica, do renascimento; o instinto e o impulso favoráveis; o secreto, o oculto, o obscuro, o abissal, o mundo dos mortos, o devorador, sedutor e venenoso, o apavorante e fatal.

Conforme destacado por Sarmento (2004) há uma ambivalência nesse arquétipo, pois ora tem o aspecto positivo do cuidado, sustento, suporte ao crescimento, fertilidade e alimento; ora tem um aspecto sombrio, de morte e obscuridade. Isso é apresentado porque com o sacrifício da mãe que agora protege e nutre, há uma morte da filha que era nutrida e protegida, significando que o nascimento de um filho representa a morte como jovem e o renascimento como mãe (SARMENTO, 2004 apud GALBACH, 1995).

Entretanto, esse caminho de compreensão sobre os arquétipos nos ajuda a entender quais as representações em relação ao ser materno, que é constituinte na fase da adolescência, no qual se busca construir uma identidade oriunda das representações sociais que se apresentam. Mas o processo de individuação vai além disso, pois diz respeito a constituição de um ser único, íntegro com aquilo que já tomou consciência e com as influências também do inconsciente.

É por essa razão que Sarmento (2004) traz a experiência de introversão como possibilidade de individuação durante a gravidez. A introversão irá ajudar a integrar os conteúdos conscientes e inconscientes da psique, ocorrendo, nesse momento, pelo fato de haver uma forte emoção vivenciada durante o parto e pós-parto. Jung (1976) citado por Sarmento (2004) denominou esse processo de impacto como *abaissemant*, isto é, rebaixamento do nível mental ou relaxamento da consciência. Isso possibilitará como aspecto positivo a ampliação da consciência (processo que ocorre na introversão, no silêncio) que irá gerar uma transformação subjetiva.

Vale ressaltar que no adolescente esse processo não ocorre imediatamente na gravidez ou na chegada do filho. Dar-se-á de forma bastante gradual, implicando o entendimento dessa nova condição de vida, tanto para o adolescente como para sua família e o meio social como um todo (CORREIA, 2014).

A ampliação da consciência feminina, no que foi descrito anteriormente, só será possível com a percepção de sua participação criativa no processo de gestar, compreendendo o simbólico e o mistério que está presente nesse processo, de forma que possa ir além da consciência pessoal (SARMENTO, 2004 apud GALBACH, 1995). “Perceber a gravidez e o nascimento como símbolos enriquece e promove crescimento, abrindo o feminino para uma religação com sua base feminina vital mais profunda” (SARMENTO, 2004, p. 11 apud GALBACH, 1995, p. 85).

É por essa razão que nesse momento da adolescência alcançar esse nível de entendimento sobre o simbólico e o que transcende no ato de dar à luz a um filho, é uma tarefa improvável, pois o nível de amadurecimento estrutural, mental e psíquico ainda não permite essa compreensão. Afinal, como afirma Stein (2000) o processo de individuação é o “desenvolvimento psíquico” que leva o indivíduo a ter conhecimento de sua totalidade de forma consciente.

No entanto, Jung compreende o processo de individuação como circulante em todo o processo de desenvolvimento, desde os eventos da infância, perpassando pelas vivências da juventude e tendo seu ápice apenas na vida adulta, mais precisamente na velhice, após as diversas experiências da vida (STEIN, 2000). Desta maneira, como afirma Corso e Corso (2018) a gestação na adolescência independente de ser algo não planejado, é regida de significados, em que a decisão a ser tomada no ato da gravidez – seja ficar com o bebê, doá-lo ou abortá-lo – estará ligada diretamente a história de vida da gestante e mesmo que demore a se reconectar com o seu destino, irá contribuir para seu desenvolvimento como ser único.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do percurso realizado para atingimento dos objetivos propostos por essa pesquisa, foi possível compreender como a Adolescência se constitui como um fenômeno social, desenvolvida para acompanhar as necessidades da contemporaneidade quanto à formação extensa e à maturidade para se alcançar os critérios exigidos para ser adulto. Neste sentido, vimos que a sexualidade é uma temática ainda com tabus na sociedade, não sendo diferente ao falarmos sobre ela na adolescência. No entanto, como é uma fase que se inicia a consciência dos aspectos sexuais, faz-se fundamental abordar o tema com esse público, apontando os problemas que possam surgir a respeito.

Um dos riscos citados nessa vivência da sexualidade é a gravidez na adolescência, no qual percebemos a tamanha repercussão negativa para a sociedade e as famílias dos adolescentes. Compreendeu-se que a não aceitação seja também pela expectativa que se cria para que o adolescente alcance os critérios para ser adulto (maturidade, profissionalização e construção de família) e para que “estruturados” possam planejar a chegada do herdeiro.

No entanto, foi desafiador encontrar pesquisas que não apontasse apenas o pejorativo da gravidez na adolescência, tentando compreender o que esse fenômeno representa e simboliza na vida dos adolescentes. Foi possível perceber o quanto a gravidez para as meninas representa uma possibilidade de "sentir-se" Mulher e ser aceita como tal, demonstrando que ainda temos a maternidade como constituinte desse ser mulher. Além disso, a gravidez pode ocupar um espaço vazio daquilo que o adolescente carece em meio ao seu contexto familiar, tendo o sonho idealizado de que formará uma nova família e que poderão agora ser felizes.

Essas e outras representações foram apontadas ao longo dessa pesquisa, como forma de afirmar que é preciso compreendê-las na vivência pelos adolescentes. Desta maneira, poderemos, enquanto sociedade em transformação, oferecer novas possibilidades de se integrarem como adultos, não comprometendo as vivências como adolescentes e não tendo que assumir tão precocemente a responsabilidade de mãe e pai.

Nesse momento, recordamos a Semana instituída esse ano pelo ECA para realização de campanhas de conscientizar para evitar a gravidez da adolescência. Acredita-se que, além de apresentar os fatores de risco na vivência da sexualidade, é preciso trabalhar junto a esses adolescentes e suas famílias sobre essas representações, discutindo o espaço de uma criança na vida de um adolescente, quais os rompimentos decorrentes disto e quais as possibilidades que surgirão com esse fato. Assim, possibilitará uma escolha mais consciente em relação à chegada ou não de um bebê.

Sobre a individuação vimos que é um processo construído ao longo de todo desenvolvimento humano, sendo como uma meta de todo indivíduo tornar-se único e em sua totalidade. Os eventos da adolescência, portanto, contribuem para que os adolescentes possam ir se constituindo como identidade única, ainda que tenham influências históricas e culturais.

Acredita-se que a Psicologia analítica tem muito a contribuir na compreensão da complexidade do ser humano na contemporaneidade, identificando os símbolos representativos e ajudando na construção da totalidade desse homem. Mostra ser uma possibilidade de alcançar um outro marco dos estudos de Jung, que é a Transcendência.

Portanto, reforçamos com a mesma vibração dos escritos de Corso e Corso (2018) a respeito da fase da adolescência, como sendo uma época que acreditamos nos amores para sempre, nos amigos de verdade e que damos sentido ao faz de conta... Época em que toda descoberta traz tanto encantamento, que somos tão ardentes para correr atrás de ideais e, por isto, lutamos, brigamos, rimos e choramos. Talvez o retrato mais real do que é o ser humano! É por essa razão que recordar essa fase da vida é memorar o quanto evoluímos e, ao mesmo tempo, o quanto podemos olhar para traz para melhor viver.

REPRESENTATION OF PREGNANCY IN ADOLESCENCE AND ITS INFLUENCE IN INDIVIDUALITY

Abstract: Adolescence is defined as a time that makes the transition from child to adulthood. It comprises a period of biological, psychological and social changes, in which one of the main conflicts present in this phase is related to the experience of sexuality. Pregnancy in this stage of life has multiple representations, being influenced by the social context in which

these adolescents are inserted, in addition to the gender issues and individual experiences. The individuation process occurs by identifying the adolescent in relation to social representations, in addition to enabling the process of introversion in maturity. The methodology used in this research is the bibliographic with exploratory perspective, thus allowing to discussions and comments on the theme.

Keywords: Adolescence. Teenage pregnancy. Representation. Individuation.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL; Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). **América Latina e Caribe têm a segunda taxa mais alta de gravidez na adolescência no mundo.** Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5604:america-latina-e-caribe-tem-a-segunda-taxa-mais-alta-de-gravidez-na-adolescencia-no-mundo&Itemid=820> Acesso em: 01/06/2019.

CEDECA. **Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA-2018**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: < https://cedecarj.files.wordpress.com/2019/01/livro-eca-2018-vers%C3%A3o-internet-atual-2019.pdf> Acesso em: 02/06/2019.

CORREIA, Vanessa Aparecida Araújo. **Gravidez na adolescência:** construção discursiva de uma condição desviante? Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP) – São Paulo, 2014. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-03062014-173127/pt-br.php> Acesso em: 02/06/2019.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Adolescência em cartaz:** filmes e psicanálise para entendê-la. – Porto Alegre: Artmed, 2018.

FELDMAN, Ruth Duskin; PAPALIA, Diane E. **Desenvolvimento Humano.** 12° ed. Porto Alegre: MGH, 2013.

FULGENCIO, Leopoldo Pereira; OLIVEIRA, Daniella Machado. Contribuições para o estudo da adolescência sob a ótica de Winnicott para a Educação. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 64-80, abr. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v16n1/v16n1a06.pdf > Acesso em: 25/05/2019.

HALL, C.S.; LINDZEY, G. **Teorias da Personalidade.** São Paulo: EPU, 1973.

HALL, Calvin.S.; NORDBY, Vernon J.; tradução de Heloysa de Lima Dantas. **Introdução à Psicologia Junguiana.** – São Paulo: Cultrix, 2014.

IBGE, **Síntese de Indicadores Sociais - Uma análise das condições de vida.** 2018. Disponível em: < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629.pdf> Acesso em: 08/06/2019

JOFFILY, Suzana Meira Lopes de Castro. **Adolescentes Mães em contexto de abrigamento.** Curitiba: Juruá Editora, 2010.

JUNG, C.G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** 11ª edição – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

JUNG, C.G. **O desenvolvimento da Personalidade.** 2011. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-o-desenvolvimento-da-personalidade-c-g-jung-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/ > Acesso em: 02/06/2018.

JUNG, C.G. **O eu e o inconsciente.** 19ª edição. Petrópolis, Vozes, 2006.

LEVISKY, David Léo. **Adolescência: reflexões psicanalíticas.** 2ª ed. rev. e atual. – São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

MANUAL DA ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE – MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Saúde e sexualidade de adolescentes.** Construindo equidade no SUS. Brasília, DF: OPAS, MS, 2017. Disponível em: <http://iris.paho.org/xmlui/bitstream/handle/123456789/34279/9788579671197-por.pdf?sequence=1&isAllowed=y > Acesso em: 10/04/2019.

MOREIRA, Thereza Maria Magalhães; VIANA, Danielle de Sousa; QUEIROZ, Maria Veraci Oliveira; JORGE, Maria Salete Bessa. **Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez.** Rev Esc Enferm US, 2008; 42(2):312-20. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v42n2/a14.pdf> Acesso em: 10/04/2019.

PANICALI, Maria da Penha; **Gravidez na adolescência e projeto de vida.** Palhoça, 2006. Disponível em: < https://docplayer.com.br/7865534-Gravidez-na-adolescencia.html > Acesso em: 24/03/2019.

PIRES, Maria das Graças Vasconcelos Braga. **Gravidez na Adolescência e o Mito de Cinderela.** – Recife: Bagaço, 2016.

PONTES, Mariana Leme da Silva; BARCELOS, Tomíris Forner; TACHIBANA, Miriam, AIELLO-VAISBERG, Tânia Maria José. **A gravidez precoce no imaginário coletivo de adolescentes.** Psicologia: Teoria e Prática – 2010, 12(1):85-96. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/1938/193814418008/> Acesso em: 10/04/2019.

SARMENTO, Gisele R. M. **O papel da Maternidade no Processo de Individuação Feminino.** Instituto Reichiano, 2004. Disponível em: <http://www.institutoreichiano.com.br/27.OPapeldaMaternidadenoProcessodeIndividuacaoFeminino.pdf> Acesso em: 02/06/2019.

STEIN, Murray. **Jung:** o mapa da alma – uma introdução. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

ZAGURY, Tania. **Encurtando a adolescência.** 9ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2003.